



DL-01

Ses. Esp. 26/08/11

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão com a finalidade de fazer a entrega do Título de Cidadão Baiano ao professor e ex-Reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Sr. Josué da Silva Melo, requerida pelo deputado Zé Neto, sendo projeto de resolução proposto pelo ex-deputado estadual e atualmente deputado federal Waldenor Pereira.

Convido, para compor a Mesa, o requerente desta sessão especial, deputado estadual Zé Neto (palmas); como também o Magnífico Reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana, professor José Carlos Barreto de Santana; Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lagarto, Sergipe, Wilson Fraga de Almeida, representante do prefeito de Lagarto, José Valmir; Presidente da Academia de Letras de Feira de Santana, Lélia Vitor Fernandes de Oliveira, representante do prefeito municipal de Feira de Santana, Tarcísio Pimenta; Presidente do Conselho Estadual de Educação, Astor de Castro Pessoa; Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Consuelo Pondé de Sena; Presidente da Fundação Dois de Julho, Agenor Sefas Jatobá; Presidente da Fundação José Silveira e representante da Academia de Educação de Feira de Santana, Geraldo Leite; Diretor e Presidente da Academia de Cultura da Bahia, Benjamin Baptista Filho.

Professor e ex-Reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana, antes, porém, gostaria de solicitar ao Cerimonial que conduza a este recinto o Sr. Josué da Silva Melo para que possamos realmente iniciar esta solenidade.

(O Sr. Josué da Silva Melo adentra ao Plenário)

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Ouviremos o Hino Nacional.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Assistiremos, neste momento, à apresentação dos estudantes do Colégio Dois de Julho.

(O grupo procede à apresentação musical e teatral.)



O Sr. Cláudio Soares:- Bom-dia a todos e todas. Faço uma saudação à Mesa e, em especial, ao professor Josué Neto.

(Lê) *“O menino Josué da Silva Mello nasceu em 1935, no pequeno povoado de Horta, cidade de Lagarto, interior de Sergipe. de família evangélica presbiteriana, seus pais Benício de Mello Fontes e Josepha da Silva Mello Fontes, viviam na zona rural com os filhos. Foi ali que Josué passou a infância. No início da adolescência, lidando com a terra, com os cultivos do solo, ajudava a família no trabalho do campo.*

Desde cedo sabia que seu futuro estava nos livros, nos estudos. Por iniciativa própria procurou estudar, se matriculou numa escola multisseriada, isolada, e só depois foi a Lagarto fazer o curso primário numa escola pública municipal. A admiração pelo saber e a eterna curiosidade de sempre aprender o elevaram à condição de primeiro aluno na turma, e por isso se tornou o orador na conclusão do curso. Mas, ao terminar o primário, não teria como dar prosseguimento aos estudos. A cidade não oferecia o ginásio e assim o sonho de continuar estudando se tornava cada vez mais distante. Os pais não queriam mandá-lo estudar fora, pois não tinham proporcionado isso a nenhum dos outros filhos. Dois dos seus irmãos tinham ido para São Paulo, outros estavam casando, portanto era ele o único que podia continuar ajudando o pai na lide da roça.

Mas estudar era o seu objetivo e disso não desistiu. Sua desenvoltura na Igreja Presbiteriana de Lagarto impressiona pastores da Bahia e o reverendo Basílio Catalá Castro lhe consegue uma bolsa no Colégio 2 de Julho. Assim, o garoto comunicou aos pais a decisão de partir rumo ao desconhecido e às pressas se preparou. Sozinho se lançou numa viagem de ônibus e de trem até a Cidade do Salvador. No Colégio 2 de Julho, naquele ano, também foi escolhido o orador da turma. Torna-se membro da Igreja Presbiteriana do Salvador e participa ativamente do movimento da juventude presbiteriana. Em 1959 foi eleito presidente da Confederação da Mocidade Presbiteriana do Brasil, em São Paulo. Conclui curso intensivo de jornalismo e habilita-se junto à Associação Brasileira de Imprensa para dirigir o jornal Mocidade, de circulação nacional. Aos 24 anos é o líder de 25 mil jovens, assumindo posição de vanguarda no processo de renovação teológica da igreja, em sintonia com o movimento ecumênico e com o movimento que posteriormente foi



identificado como Teologia da Libertação. Desde 54 já havia conhecido e se apaixonado pela mulher de sua vida, a esposa Tecla Dias Mello. Vindo a se casar em 1962, após sete anos e meio de namoro.

A cúpula da Igreja Presbiteriana do Brasil estava incomodada com a força das idéias do teólogo Richard Shaull, que influenciavam o líder da juventude presbiteriana, Josué Mello. Destituído da liderança do movimento jovem e tendo sido extinto o jornal Mocidade, Josué decide cursar, no Seminário Presbiteriano do Centenário, o bacharelado em Teologia, que foi concluído em cinco anos.

Determinado estava, impulsionado por sentimentos de gratidão, que após concluído o seminário voltaria para o Nordeste e para a Bahia. Queria contribuir com essa região brasileira e escolhe a Cidade de Feira de Santana, município pelo qual tinha forte fascínio e considerava representativo da cultura e das realidades do Nordeste brasileiro.

Muitas ações frente à igreja podem ser pontuadas, porém destacamos, principalmente, o seu pioneirismo em defender o pensamento ecumênico, a capacidade de dialogar com outras denominações evangélicas e com a Igreja Católica, fez um pastorado preocupado com a pobreza, com os excluídos e com o desenvolvimento de Feira de Santana e região. Criou a Associação Feirense de Assistência Social, projeto inovador, humanista, educativo, pioneiro em nível de Brasil. O projeto devolvia ao mendigo a sua condição de cidadão e dava-lhe a oportunidade de aprender e, através do trabalho, garantir o seu sustento.

Detectou nos anos 60 e 70 que o maior problema social de Feira de Santana e do Nordeste não estava na mendicância e, sim, na migração interna. Sonhou e foi capaz de criar o Serviço de Integração de Migrantes, buscou recursos no exterior, junto às igrejas evangélicas. O manteve por 23 anos totalmente independente de recursos dos poderes públicos. Pelo Serviço de Integração de Migrantes passaram mais de 25 mil pessoas, instituição com oito prédios que depois veio a formar, em seu entorno, o famoso bairro SIM. Lá, os migrantes receberam tratamentos de saúde, alfabetização, orientação para a vida, documentação, treinamento profissional e encaminhamento para o mercado de trabalho.



Josué participa de diversos encontros ecumênicos no Brasil e no mundo, Cuba, Argentina, Colômbia, Coréia do Sul, Venezuela, Caribe, Uruguai, dentre outros. licenciou-se em filosofia pela Universidade Católica de Salvador, graduou-se em sociologia pela universidade Federal de São Carlos, especializou-se em ciência política e fez mestrado em educação pela universidade Federal da Bahia. Tornou-se professor de escolas públicas e privadas com reconhecida competência.

O professor Josué Mello participou dos esforços para criação da universidade estadual de Feira de Santana, dela vindo a ser Reitor no período de 1991 a 1995. Durante sua gestão, idealizou e tornou real a concepção de uma universidade que se colocasse a serviço da maioria da população, uma universidade comprometida com o desenvolvimento da cidade e da região. Implantou o cuca - Centro Universitário de Cultura e Arte, concebeu e implantou o curso de Odontologia, construiu e implantou a residência universitária, criou o centro de estudos sobre o semiárido, com o sonho de orientar a política de pesquisa e de fazer da UEFS um centro de referência para o assunto no Brasil e no mundo.

Em 1996 é candidato a prefeito de Feira de Santana e vence as eleições no município, perdendo apenas na zona rural. em 98 obteve 13 mil votos para a Assembleia Legislativa, numa campanha sem recursos financeiros e sem apoios. Foi secretário da Educação na administração de José Ronaldo, criando um plano de educação para o município baseado em princípios de uma educação libertadora, democrática, inclusiva e de qualidade.

Foi diretor da Faculdade de Ciência e Tecnologia, tirando a instituição da crise em que se encontrava após o desligamento da Unyahna. Em 2004 renuncia ao cargo para assumir o cargo de diretor-geral da Faculdade 2 de Julho, movido pelo sentimento de gratidão à instituição que lhe abriu as portas para a construção do seu futuro. Foi nomeado pelo então governador do Estado para compor como membro titular o Conselho Estadual de Educação e o Conselho Estadual de Gestão Social.

Em 2008, como reconhecimento pelos seus mais de 40 anos dedicados à excelência na educação, Josué Mello foi agraciado com os títulos de cidadão de Salvador (Câmara Municipal da Cidade do Salvador, março), de educador do ano 2008 (Academia



Baiana de Educação, abril), e de mestre em gestão educativa e de doutor Honoris Causa de Ibero-América, no Equador (agosto). Integra a Academia Feirense de Educação, Academia de Cultura da Bahia e o Instituto Genealógico da Bahia.

É o diretor-geral da Faculdade 2 de Julho desde 2004 e do Colégio 2 de Julho desde 2009. Na Faculdade 2 de Julho, assume o cargo após uma crise em 2004. Reestrutura toda a instituição, implementa junto com a esposa, Tecla Mello, coordenadora pedagógica, um projeto pedagógico alicerçado na formação integral do ser, na prática interdisciplinar e na visão de fomentar no estudante o desejo de transformar as informações que recebe em conhecimento. Formar cidadãos éticos e profissionais competentes, capazes de investigar a realidade e de interagir com os demais setores da sociedade, conscientes da responsabilidade social de sua prática profissional.

Essa, portanto, é a síntese da história de um vencedor, de um homem que construiu a sua história, realizou os seus sonhos e ajudou a transformar a vida de muitas outras pessoas através da educação. Josué Mello, essa é a pequena homenagem do Colégio e da Faculdade 2 de Julho àquele menino que saiu lá de Horta, Lagarto, e hoje está, aqui, para receber, merecidamente, o Título de Cidadão Baiano.”

Muito obrigado. (Palmas)

(Apresentação Musical)

(Palmas)



1587-I

Ses. Esp. 26/08/11

Or. Zé Neto

Título de Cidadão Baiano ao Professor e Ex-Reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Josué da Silva Mello.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra ao deputado Zé Neto, requerente desta sessão especial com o objetivo de fazer a saudação ao homenageado.

O Sr. ZÉ NETO:- Sr. Deputado Estadual, Álvaro Gomes, presidente desta sessão; Magnífico Reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana e amigo dileto, professor José Carlos Barreto de Santana; Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lagarto que aqui tão bem representa o estado de Sergipe, a cidade onde nosso homenageado nasceu, Sr. Wilson Fraga de Almeida, que também representa neste ato o prefeito de Lagarto, Sr. José Walmir Monteiro; Sr^a Presidenta da Academia de Letras de Feira de Santana, minha amiga poeta que estava me devendo o último livro, agora já me deu, professora Lélia Vítor Fernandes de Oliveira, representante do prefeito de Feira de Santana, Sr. Tarcísio Pimenta; Sr. Representante do Conselho Estadual de Educação, pastor Castro Pessoa; Sr. Presidente da fundação Dois de Julho, Sr. Agenor Jatobá; Sr. Presidente da Fundação José Silveira e representante da Academia de Educação de Feira de Santana, professor Geraldo Leite, inclusive um dos baluartes da fundação da nossa Universidade Estadual de Feira de Santana, nosso primeiro reitor. Minha mãe é sua fã, eu também, então estamos todos em família.

(Palmas)

Sr. Diretor Presidente da Academia de Cultura, essa figura extraordinária, meu amigo Benjamim Batista filho; Sr. Professor e ex-reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana e homenageado, essa figura eminente, professor Josué Mello da Silva, já que saudei a cidade de Lagarto através do presidente da Câmara, queria também saudar os presentes da minha cidade, Feira de Santana, a cidade onde nosso homenageado teve uma parte significativa da sua vida e da sua construção e, quero em nome do meu amigo Adauto, saudar todos os presentes de Feira que aqui estão homenageando também o nosso amigo Josué Mello. (Palmas)



Não podia deixar também de aqui destacar a presença tão importante de dona Teca que, na verdade é a figura presente ao lado... Diziam, não dizem mais, que por trás de um grande homem sempre tem uma grande mulher. História. Do lado de um grande homem sempre tem uma grande mulher. (Palmas) Professora Teca é um prazer tê-la aqui conosco com seu marido, com suas filhas, Suzana e Cilene, com meu amigo Otto, seu esposo. Fica aqui também o meu abraço a Sérgio, o marido de Suzana.

Professor, em verdade eu tinha elaborado um texto falando um pouco da sua trajetória, que já foi aqui por demais bem discorrida com a peça teatral dos meninos da Escola Dois de Julho, que hoje fazem esta homenagem. O senhor logo cedo veio de Lagarto. O pai queria que ele fosse lavrador, mas a mãe, a minha mãe é a mesma coisa, meu pai queria que a gente trabalhasse na roça de sisal e minha mãe queria que os filhos estudassem. Talvez um dos grandes dilemas deles foi esse, inclusive, logo se separaram e minha mãe tocou a vida como sua mãe, que não separou de seu pai, mas colocou a opção do estudo como algo mais presente em sua vida, professor. Logo cedo, veio para a Bahia estudar no Colégio 2 de julho, do qual foi diretor, e hoje é diretor da Faculdade 2 de Julho, sempre cumprindo a trajetória dos vencedores e dos sonhadores.

Estudou como bolsista na escola e depois chegou aos cargos máximos dessa mesma escola e da Faculdade 2 de Julho, que tem trazido para todos nós essa extensão da sua vida e da sua construção.

Concluiu os estudos na capital. Em Feira de Santana, foi um idealizador do SIM – um trabalho extraordinário – num período em que, evidentemente, não se tinha tanto foco nas questões sociais como temos hoje. Aliás, as questões sociais são postas a cada dia, e o professor Josué sempre foi um defensor dessa percepção.

Quando vemos hoje, por exemplo, o mundo em crise, e o Brasil saindo dela ou, pelos menos, enfrentando-a com tranquilidade, sem nenhuma dúvida, é a comprovação de que política de Estado é política social.

Por muitos anos tivemos um Estado brasileiro que, quando havia necessidade de cortes econômicos, buscava de imediato cortes de gastos na Previdência e nas políticas



sociais. Quando começamos a investir em políticas sociais; alguns até achavam, como foi colocado agora há pouco, que era esmola atender aos mais carentes ou excluídos.

Mas tivemos neste País o presidente Lula, que pensou, exatamente, como o senhor, professor Josué. Acolhimento aos excluídos, aos mais carentes, àqueles que precisavam de vida. Esse acolhimento, paradoxalmente, tem sido a marca mais importante num tempo de mudança nas conjunturas e paradigmas desta Nação, porque, professor, tem dado, economicamente, sustentabilidade ao Brasil.

Os que diziam que o Bolsa Família era uma esmola, hoje estão entendendo que criamos um mercado novo, uma perspectiva nova. Diziam que levar luz par cada recanto deste País era demagogia, porque havia lugares que não se sustentavam. Pelo contrário, eles se sustentam e fortalecem a indústria, tendo em vista que cada pessoa que obteve um ponto de luz comprou geladeira, ferro de passar, liquidificador. Enfim, foi criado um mercado para as indústrias.

Esse acolhimento no SIM foi o início de uma tarefa importante para a nossa cidade e para o nosso Estado. Posteriormente, o senhor foi reitor de nossa Universidade; fundou o nosso CUCA. Disse-lhe há pouco: “Ainda bem que o nosso amigo leu grande parte dos títulos e honrarias que o senhor acumulou por sua vida, porque são todos eles justos e dignos para estarmos a comemorar”.

Não poderia deixar de lembrar, professor, que em 2006 eu – Zé Neto, hoje nos meus 47 anos – e o senhor estávamos em batalhas políticas opostas. E digo que muito aprendi com o senhor, que é um idealizador.

Estava começando a minha vida muito jovem. Fomos candidatos a prefeito, eu por um partido, V.S^a por outro. E digo que aprendi muito, porque o professor Josué tinha a ideia de montar na cidade uma estrutura tipo escritório para as comunidades, com o objetivo de tocar nas feridas; para ouvir os reclames no meio do povo.

Isso me lembra muito, professor, o sentimento que o presidente Lula, meu amigo pessoal, tem da política, como tem o senhor, professor. Quando o senhor entrava naqueles bairros pobres e convidava os intelectuais, técnicos, bem como todos aqueles que tinham essa percepção da vida administrativa da cidade para de perto verem a lama em que as



pessoas estavam vivendo, a corrosão social que o município estava enfrentando, o senhor faria o que Lula fez exatamente no primeiro dia do seu primeiro governo, quando demarcou o seguinte: “Quero todos os ministros para irmos à cidade mais pobre do Brasil.” E partiu para a cidade mais pobre do Brasil com todos eles, passou o dia na cidade mais pobre do Brasil, com o menor IDH, mostrando a cada um como é viver no sertão, no calor, na dificuldade e na exclusão. Esse ensinamento, professor, serviu-me e tem me servido.

Debates à parte, que fazem parte da vida, tenho-lhe como um grande amigo. E fico muito honrado por neste instante poder - juntamente com Waldenor, que foi quem primeiro propôs, posteriormente fui eu que recolhi e trouxe para cá este momento - fazer esta homenagem ao senhor, que tantos trabalhos tem prestado à Bahia, à minha cidade e também ao seu Estado de origem. A presença da representação do Estado de origem não é apenas porque o senhor está sendo homenageado, mas também porque ele muito se orgulha em ter evidentemente uma passagem da sua vida, o início dela lá. (Palmas!)

Mas quanto ao nosso Estado quero dizer que estamos hoje conciliando com Sergipe e trazendo para a oficialidade este sentimento que nós todos já tínhamos há muito tempo: o sentimento desse parceiro, conterrâneo, criador e construtor da nossa Bahia, da nossa educação, da nossa cultura, enfim, da nossa intelectualidade.

Professor Josué, que inclusive nunca esteve longe de Feira, quero lhe dizer que a Faculdade 2 de Julho é uma tarefa, mas nós o estamos esperando para muitas outras tarefas na cidade. Que o senhor não se canse de estar aqui junto com a Faculdade 2 de Julho em sua labuta, embora saibamos que tudo tem um prazo. A nossa Feira de Santana o espera para estar mais perto. E que não demore tanto o seu retorno aos nossos braços para construir ainda mais a cidade que tanto precisa dos seus trabalhos e do seu carinho.

Aos da Faculdade 2 de Julho que estão aqui quero dizer da nossa grande satisfação por sabermos que o reconhecimento pelo trabalho que vem realizando à frente da instituição vem no mesmo tom de todos os outros reconhecimentos alcançados por onde passou o nosso amigo, o professor Josué.

Professor Josué, queremos o senhor mais perto! Vitória sempre! Vitória na vida! Vitória na Bahia!



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

Muito obrigado. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



1588-I

Ses. Esp. 26/08/11

Or. Álvaro Gomes

Título de Cidadão Baiano ao Professor e Ex-Reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Josué da Silva Mello.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Convido para a Mesa o Sr. Secretário Geral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Edmar Torres. (Palmas!)

O Sr. Zé Neto:- Vou quebrar um pouco o protocolo e agradecer à *TV Assembleia*, que está transmitindo ao vivo este evento para toda a Bahia - porque há o canal fechado – e todo o Brasil. Não poderia deixar de agradecer a gentileza e o carinho da *TV Assembleia* no nosso evento.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Quero passar a presidência ao deputado Zé Neto para que eu possa fazer uma pequena saudação ao professor Josué. (Palmas!)

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Deputado Zé Neto, requerente da presente sessão especial, magnífico reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana, presidente da Câmara Municipal de Lagarto, Sr. Wilson Fraga de Almeida, que representa aqui o prefeito de Lagarto-Sergipe; presidente da Academia de Letras de Feira de Santana, Sr^a Lélia Vitor Fernandes de Oliveira que, aqui, representa o prefeito de Feira de Santana, Tarcísio Pimenta; representante do Conselho Estadual de Educação, Astor de Castro Pessoa; presidente da Fundação Dois de julho, Agenor Serpa Jatobá; presidente da Fundação José Silveira e representante da Academia de Educação de Feira de Santana, Geraldo Leite; Benjamim Batista Filho, presidente da Academia de Cultura da Bahia; secretário Geral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Edmar Torres.

Quero, neste momento, fazer esta saudação especial ao professor Josué Silva Melo e dizer que a Assembleia Legislativa da Bahia sente-se engrandecida em realizar este evento de entrega do Título de Cidadão Baiano ao Professor Josué.

Na realidade, a autoria deste projeto é do deputado federal Waldenor Pereira, que foi deputado estadual na legislatura anterior, autor deste projeto que concede o Título de Cidadão. Mantemos sempre contato com Benjamim. Fui nomeado relator deste projeto de lei



e, aí, ele me perguntava: “E aí, como é?” E eu dizia: “Bem, vamos fazer o relatório imediatamente.” Isso foi feito e aprovamos este projeto de lei. E estamos, aqui, neste momento, nesta solenidade fazendo a entrega do título ao professor Josué.

O professor Josué chegou aqui à Bahia em 1953. Nasci bem depois. Então, antes de eu nascer, o professor Josué já estava aqui na Bahia dando a sua contribuição. Então, como o professor Josué que, desde 1953 está aqui na Bahia, não é um cidadão baiano? Cidadão Baiano de fato e de direito e o que é mais importante: é um cidadão baiano que deu grandes contribuições para o desenvolvimento do nosso Estado, porque não basta ser cidadão baiano, é preciso ir além, ter dado a sua contribuição. E é isso que o professor Josué fez dando extraordinária contribuição na educação, nas ideias e quanto mais tempo passa, mais experiente e mais sábio o professor Josué fica. (Palmas). Isso é muito importante ressaltar.

Portanto é com muita alegria que fazemos esta solenidade. A Assembleia Legislativa tem de fazer ações desse tipo valorizando aquilo que há de melhor; valorizando pessoas que contribuem para o nosso desenvolvimento e é uma alegria dupla, porque além de cidadão o professor Josué deu grandes contribuições para o nosso povo, para o nosso Estado. Portanto estamos aqui, neste momento, fazendo esta justa homenagem ao professor.

Eram essas as minhas considerações iniciais. Quero dizer que o grande mérito é realmente do deputado Waldenor, autor do pedido, mas que contou com o apoio e o empenho de todos os deputados, daí estarmos fazendo esta homenagem.

Então, muito sucesso e parabéns. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



1589-I

Ses. Esp. 26/08/11

Or. Adalto

Título de Cidadão Baiano ao Professor e Ex-Reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Josué da Silva Mello.

PRESIDENTE (Zé Neto):- Quero registrar as presenças aqui do Sr. Wilson Fraga, presidente da Câmara Municipal de Lagarto; Sr. Christian Amauri dos Santos, da Câmara Municipal de Lagarto; Sr. Joselmo Fontes Alves, vereador de Lagarto; e Sr. Ismael de Santana Santos, assessor da Câmara Municipal de Lagarto.

Quero registrar também, com muita alegria, a presença do sempre nosso deputado federal, amigo dileto, figura de extrema importância na história política do nosso Estado e de nossa cidade, chefe de gabinete da Secretaria da Cultura do Estado da Bahia, Jairo Carneiro. (Palmas)

Mais uma vez, pedirei ao presidente da sessão, Álvaro Gomes, que quebre um pouco a formalidade, o protocolo, o que é bom. Isso é bom! Parece um pouco com o professor Josué, que, pelo destino, seria lavrador e, hoje, está aqui. Não que lavrador não seja importante! O lavrador é importante demais, mas não é muito chegado a protocolos. Então, nosso amigo Adalto quer dar uma palavrinha em homenagem ao professor Josué, e nós permitimos. (Palmas)

O Sr. ADALTO:- A todos e a todas, o meu bom-dia. Deputado Álvaro Gomes, presidente deste evento, demais membros da Mesa, meus cumprimentos, em especial ao professor Josué, que é o homenageado. Faço uma saudação especial ao amigo, à minha família e ao Dr. Geraldo Leite, ex-reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana. Ele foi o primeiro reitor. Eu acompanhei o seu empenho para o surgimento da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Quero agradecer também às palavras elogiosas do meu estimado amigo Zé Neto, essa figura feirense que, hoje, é destaque na política do Estado da Bahia. Em Feira de Santana, ele é estimado por todos.



Quero saudar também às demais autoridades, aos companheiros e aos amigos do Estado de Sergipe, aos presentes e aos meus companheiros do Rotary Club.

Tomei a iniciativa de falar porque tenho uma amizade muito forte com Josué. Acompanhei Josué ao longo dos anos e um sentimento muito forte tomou meu coração.

Sou feirense, comerciante, exerci a atividade bancária e, posteriormente, a atividade empresarial.

Feira de Santana é uma cidade entroncamento rodoviário conhecida por todos. Sempre abrigou a todos que a procuravam e procuram até hoje. Feira de Santana, que vinha das crises políticas e econômicas da década de 50, da seca do Nordeste, acolhia a vizinhança das cidades distantes 200km até 300km. As pessoas iam pedir esmola em Feira de Santana.

Já era uma saga, já era um comércio. Eu era comerciante. E as casas comerciais sempre eram invadidas às segundas-feiras por pedintes. Não se sabia como resolver o problema dos pedintes.

Veio a figura de Josué. Até então eu não tinha tanto relacionamento com o professor Josué. E, aí, Josué funda a AFAS - Associação Feirense de Assistência Social e convida pessoas de Feira de Santana a se envolverem nesse trabalho social, inclusive uma figura muito importante em Feira de Santana, monsenhor Renato Galvão. E, com ele, formou a diretoria da AFAS. Fizeram um trabalho muito forte em Feira de Santana, identificando todos aqueles pedintes de esmolas. Não só isso, Josué criou e teve a ousadia, digo a ousadia, porque até placa na cidade foi afixada nos postes: Nesta cidade não se dá esmola. Mas não foi isso, ele criou a parte que pudesse todo mendigo receber uma contribuição no fim de semana.

Esse foi um trabalho excelente, meritório, e ele tirou, não somente ele, com a Fundação da AFAS, da entidade, foi tirando e, paulatinamente, identificando os pedintes que eram até profissionais em Feira de Santana. Nós sabemos até de um que era de Araci – não estou sendo pejorativo com a cidade de Araci – com um carrinho e que se dizia que ele possuía até fazenda, era certo ele chegar a Feira de Santana, não só de Araci como de outras cidades da região.



Aí veio o trabalho de Josué, eu fui convidado, participei com ele na AFAS, mas ele deixa a Universidade de Feira de Santana por onde passou, fez um trabalho já ressaltado por todos aqui – eu peço desculpas porque não cumprimentei as senhoras, mas o meu cumprimento às senhoras presentes – e enfrenta um desafio: a Escola Normal de Feira de Santana, um dos prédios mais bonitos criado na década de 20 a 30. Inicialmente era chamada Escola Rural, passou a ser Escola Normal e depois abrigou a Faculdade de Educação de Feira de Santana; só que as instalações do prédio estavam em decadência e ninguém tinha coragem de fazer nada pela Escola Normal de Feira de Santana. Todos nós dizíamos assim: é pena, que um belíssimo edifício desse, antigo, histórico, fique sem reformas. Josué vai e luta pelo soerguimento da Escola Normal de Feira de Santana e traz o CUCA – Centro Universitário de Cultura e Arte –, que foi um dos mais modernos, com auditório e tudo.

Então entre as obras citadas aqui neste momento, inúmeras, eu acompanhei, inclusive fiz parte da comitiva, fomos visitar o vice-governador em exercício, que na época era o ex-prefeito de Salvador, Imbassahy; o senador Antonio Carlos Magalhães estava presente. Josué, ousadamente, entrega um documento, entrega tudo, com a participação do senador Antonio Carlos Magalhães, e eu ouvi as palavras de Antonio Carlos, ele dizia assim: Lute, ele que resolva aí. E ele fez e foi erguido. Hoje é um palácio que honra Feira de Santana, a Escola Normal de Feira de Santana.

Eu como feirense, não nascido naquela terra, mas de título honorário de Feira de Santana, e amigos como você e tantos outros que estão aqui, Zé Neto essa figura, de que nos sentimos honrados, por isso meu coração batia, eu tenho que dizer algumas palavras sobre Josué Mello, meu amigo.

Muito obrigado a todos.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

**DL-02****Ses. Esp. 26/08/11**

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Registro as presenças do Sinterp, Sesab, Rádio Cristal, LBV, Rádio Genipapo FM, Fundação 2 de Julho, Uneb, Ordem de Juizes de Paz do Brasil, Conselho Estadual de Educação, LDM – Livraria, Inema – Instituto de Meio Ambiente, Igreja Presbiteriana Unida do Brasil; Comol, em Feira de Santana; a FTC; a Editora UFRB; a Colônia Espanhola; a Igreja Episcopal Angeliana do Brasil; a Igreja Presbiteriana de Valério Silva; a Igreja Presbiteriana de Salvador; o Sr. Cristiano Lobo, representando aqui a FTC; IPU, de Muritiba; Fráter Rosa Cruz Amor; Inovar; a Editora União Salvador; o Cepa, Círculo de Estudo Pensamento e Ação; o Bradesco e alunos da Faculdade 2 de Julho.

O Sr. Zé Neto:- Como Adalto já quebrou o protocolo, professor Josué, antes de sua fala quero lembrar uma coisa aqui, já que o meu coração, também como o seu Adalto... (...) atualmente sou o Líder do governo e como tal tenho muitas tarefas que não são fáceis, como por exemplo, agora, a tarefa de trazer para o Estado uma discussão sobre a gestão do Planserv. Temos plena consciência de que a medida que estamos tomando é a mais certa, mas temos que convencer as pessoas de que esse é o melhor caminho, e nem sempre esse “chá” é tão doce, às vezes é amargo. Mas o caminhar da vida me mostra muito coisa.

Então, ouvindo você falar, e como você quebrou o protocolo, vou quebrá-lo também: hoje estou aqui e daqui a pouco posso estar em canto nenhum, posso voltar a ser advogado, tocar minha vida... Mas sempre com a disposição que aprendi com algumas pessoas. Uma delas foi com você, Adalto.

Quero dizer aqui, da mesma forma que disse do nosso amigo Josué, que deixou um ensinamento muito grande para mim sobre botar o pé na ferida, em Feira: quando comecei minha vida, nunca vai me sair da cabeça um momento em que eu tinha que mudar de escritório, eu era estagiário de um escritório que não aceitava mais o meu trabalho com sindicatos, e eu tinha que ter independência. Mas eu não tinha como ter independência, já estava perto de formar, tinha um “fusquinha”, ia e voltava para Salvador todo dia, fazia



cotização de gasolina, tinha um pessoal da EBDA que eu trazia e voltava todo dia. Fui na Comol, do meu amigo Adalto, para apreçar, para abrir um escritório com um amigo... Não vou mais estagiar para ninguém, vou começar minha vida, daqui a pouco formo, vou fazer as petições e esse amigo que eu encontrar como sócio evidentemente vai assinar... E fui lá em Adalto. Perguntei a ele qual era o mais barato – ele vende móveis de escritório – escritório que ele tinha para me vender. Ele fazia as contas, mostrava para mim... Perguntei-lhe quanto pagaria por mês, qual o tipo de prestação. Ele disse: *“Neto, deixe-me dizer uma coisa. O melhor para você não é nem esse mais barato, é o de cá, que não é o mais barato mas é bom. O melhor para você é o bom. Pegue o bom. Você vai trabalhar onde? Eu não sei, talvez com Roque Aras”*, com quem vim depois trabalhar. *“Pegue uma coisa que dê presença, não vá por aí. Outra coisa: é preocupação o preço? Esqueça. Se tem uma coisa que eu tenho certeza é de que você vai ser alguém muito importante nessa cidade. Vejo você correndo para cima e para baixo aqui, estudante, nessa animação... Conheço-o aqui no dia a dia e tenho essa confiança.”* Ele me passou isso e eu comprei fiado sem assinar um documento na Comol. Ele me disse: *“Esqueça prazo, vá trabalhar. Quando você puder, você volta e a gente vai ver o que é que faz com esse débito que você tem.”* Graças a Deus, três meses depois eu voltei e consegui pagar o meu primeiro escritório.

Nunca deixo de agradecer, por isso tinha que fazer esse registro. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE(Álvaro Gomes):- Importante fazer esses registros nesta sessão especial, quebra o protocolo mas enriquece.

Agora, passo às mãos do Sr. Josué da Silva Mello o Título de Cidadão Baiano que lhe confere a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia e convido a sua esposa Tecla Dias de Oliveira Melo e também suas filhas, se estiverem aqui, para que possam compartilhar deste momento. (Pausa)

(O Sr. Josué da Silva Mello recebe o Título de Cidadão Baiano.) (Palmas)



1590-I

Ses. Esp. 26/08/11

Or. Josué da Silva Mello

Título de Cidadão Baiano ao Professor e Ex-Reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana, Josué da Silva Mello.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso conterrâneo baiano Josué da Silva Mello. (Palmas)

O Sr. JOSUÉ DA SILVA MELLO:- Exmº Sr. Deputado Estadual Álvaro Gomes, digníssimo presidente desta sessão solene de outorga de título de cidadania; Exmº Sr. Deputado Estadual Zé Neto; Magnífico Reitor da querida Universidade Estadual de Feira de Santana, professor doutor José Carlos Barreto de Santana; Exmº Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lagarto, Sergipe, Wilson Fraga de Almeida, que representa nesta solenidade o Dr. José Valmir Monteiro, digníssimo prefeito daquele município; Exmª Srª Presidente da Academia de Letras de Feira de Santana, professora e escritora Lélia Victor Fernandes de Oliveira, que nesta solenidade representa o prefeito de Feira de Santana, Dr. Tarcízio Pimenta, e o secretário de Educação, o professor José Raimundo de Azevedo; Sr. Representante do Conselho Estadual de Educação, querido confrade Astor de Castro Pessoa; Exmº Sr. Secretário-Geral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Sr. Edmar Torres; Sr. Presidente da Fundação 2 de Julho, querido amigo Dr. Agenor Jatobá; Exmº Sr. Presidente da Fundação José Silveira, do Instituto Geraldo Leite e representando aqui a Academia Feirense de Educação, Dr. Geraldo Leite; Sr. Presidente da Academia de Cultura, que eu denomino de chanceler das Academias de Cultura e Letras do Estado da Bahia; Dr. Benjamim Batista Filho; familiares aqui presentes, filhas, genros e netos, minha querida esposa, professora Tecla Mello; professores da Faculdade e do Colégio 2 de Julho; queridos estudantes que vieram representando o Colégio, os pequeninhos que aqui fizeram uma demonstração com seus talentos, são todos jovens muito talentosos; quero saudar os vereadores de Lagarto, na pessoa do vereador Joselmo Alves, os amigos representantes das academias responsáveis também pelo convite para esta solenidade, o ex-deputado federal Jairo Carneiro, que nos dá a honra da sua presença, os diversos outros amigos representantes



da comunidade de Feira de Santana, os representantes de toda a equipe desta Assembleia Legislativa, a imprensa, principalmente da *TV Assembleia*, que transmite este evento; meus amigos e minhas amigas, senhoras e senhores, (Lê)

*“ 'Dá licença, dá licença, meu Senhô,
Dá licença, dá licença, pra yoyô.
Eu sou amante da gostosa Bahia, porém,
Pra saber seu segredo serei baiano também.'*

Com esses versos de João Gilberto, genial poeta baiano de Juazeiro, pai da bossa-nova, saúdo a Bahia e os baianos. Bahia que me acolhe desde 1953!

Era um adolescente de 17 anos quando busquei desvendar os segredos desta terra carismática, ecumênica, plural e convergente, de todas as gentes e todos os santos, berço da história e da civilização brasileiras. Fui acolhido pelo Colégio 2 de Julho, amparado por uma bolsa de estudo que me foi dada mediante o prestígio do emérito professor Dr. Basílio Catalá Castro, deputado constituinte de 1946, integrante desta egrégia Câmara nas Legislaturas de 1946 e 1954, tribuno que muito soube honrar, com dignidade, sabedoria, oratória e inteligência, as tradições da Bahia e do seu Parlamento.

No Colégio 2 de Julho aprendi a ler de verdade. A ler a história do Brasil que aqui nasceu e aqui se libertou da tutela portuguesa. Encantei-me com a história das lutas que resultaram no 2 de Julho e habituei-me a celebrá-lo como data da independência do Brasil na Bahia. Desfilei, com o peito erguido de orgulho, nas suas celebrações, seguindo o roteiro do Colégio, da Av. Leovigildo Filgueiras ao Campo Grande. Aprendi a sentir, no coração e na mente, a verdade poética de que “o sol do 2 de julho brilha mais que no primeiro”. Aprendi a amar a língua, o sotaque baiano, a cultura diversificada e plural, a inteligência que o Criador tornou tão abundantes na Bahia de todos os encantos. Aprendi a apreciar a beleza da cidade do Salvador, a cultivar a virtude e a vida feliz de seu povo, os valores da fé, da verdade, da solidariedade, do trabalho, na busca inquieta do conhecimento.



Desde a adolescência, portanto, aprendi a cantar a Bahia com os versos do hino do meu colégio: "berço de rosas, ninho quente dos gênios mortais". Gênios que se imortalizam pela inteligência.

Aprendi a vê-la, com os olhos de José de Alencar, como a "Atenas Brasileira". Com efeito, sendo um Estado privilegiado, destacado entre todos, como celeiro de personagens preeminentes nas artes, na poesia, nas letras, na oratória, na política e nas ciências, era natural que fosse comparado à antiga cidade-estado grega, centro dominante da nossa civilização, o mais importante bergo cultural do mundo ocidental. Foi por isso que José de Alencar, ao apresentar a Machado de Assis o jovem poeta Castro Alves, adverte o mestre carioca de que ele, Castro Alves, "nasceu na Bahia, a pátria de tão belos talentos: a Atenas Brasileira que não cansa de produzir estadistas, oradores, poetas e guerreiros".

E Pedro Calmon, na sua História da Bahia, não economiza superlativos quando se refere aos gênios que desta terra emergiram: Diz ele: "O maior educador brasileiro era natural desta província — o barão de Macaúbas, Abílio César Borges, seguido depois de Anísio Teixeira; o primeiro jurisconsulto do País — Antônio Teixeira de Freitas, o mais sábio médico Francisco de Castro, o maior gramático Ernesto Carneiro Ribeiro" E depois acrescenta: na poesia, Castro Alves, o maior poeta brasileiro de todos os tempos, e Rui Barbosa, o águia de Haia, tribuno inigualável, de reconhecida sumidade nacional, ambos predestinados a erguer bem alto o nome desta terra.

E a Bahia continua, pelos tempos a fora, fazendo jus ao título de "Atenas Brasileira" pela produção de seus novos poetas, oradores e escritores, pela criação e exportação da boa música, nos mais variados ritmos, pela arte singular e multicolorida, pela cultura diversificada e cativante para o resto do País e do mundo.

Seus encantos, belezas, culturas e riquezas expandem-se dos limites da capital e alcançam todo o interior, começando pelo Portal do Sertão, a Feira de Santana, ativa e acolhedora.

Trata-se de um "paraíso com o nome de Feira"; na expressão poética de Georgina de Melo Erismann, cidade que recebe a todos, como interpretou outro grande poeta feirense, Eurico Alves Boaventura, com a eterna graça de adolescente, com gargalhadas ao



sol, com sua gente laboriosa, que aqui nasceu e que aqui encontrou abrigo, trazendo na alma o gosto da saudade de terras longínquas, que ficaram na lembrança e no passado, de gente que traz na alma a pungência dramática dos aboios, a melancolia renovada diariamente pela beleza dilacerante do seu por de sol, majestoso, pleno". Esse mesmo poeta, ao convidar Manuel Bandeira a visitar o sertão, diz: "venha, poeta, Manoel Bandeira, conhecer o sertão, venha ver como o céu aqui é céu de verdade e como as pessoas simples até se parecem com Nosso Senhor". Assim é a Feira, Portal do Sertão e capital do semiárido baiano. Polo de uma imensa região, castigada pela seca, sim, mas, igualmente, fascinante por seu clima propício para a pecuária e para o desenvolvimento da ovinocultura e caprinocultura e para a produção de frutos e cereais que contribuem para o abastecimento interno e para a balança de exportação.

O recôncavo, de ricas tradições culturais e históricas, berço do samba brasileiro, obra prima do patrimônio oral e imaterial da humanidade, assim declarado pela UNESCO, mostra ainda a sua pujança em riquezas do subsolo e na produção agrícola da mandioca, do tabaco e da cana-de-açúcar.

No oeste do Estado, tem-se o cerrado, um dos mais importantes centros de produção agrícola do Brasil. A Chapada Diamantina, situada no coração da Bahia, terras um dia forradas de diamantes, reúne uma das mais belas paisagens do eco-sistema de montanha, constituindo-se em alguns dos pontos turísticos mais fantásticos e originais do País. A região sul, outrora famosa pela produção do cacau, continua sendo um pólo econômico e turístico dos mais procurados do Estado.

Antes de avançar neste discurso, senhor presidente, senhores deputados, devo-lhes revelar meus segredos. Sou oriundo de família cristã presbiteriana, camponesa e numerosa. Nascido no povoado de Caraíbas, vivi a infância e o início da adolescência no povoado de Hortas, a 3 km da cidade de Lagarto, no Estado de Sergipe. Meu pai produziu 23 filhos, sendo 12 do primeiro casamento e 11 do segundo. Dos 23, apenas 12 sobreviveram. Achando que a família ficou pequena, adotou mais duas crianças recém-nascidas e as criou como filhos. Sou o único filho homem sobrevivente do segundo casamento. Aqui tenho presente duas das minhas irmãs, para minha honra. (Palmas).



Habitamos modesta propriedade rural, de vocação agrícola e pecuária, onde se cultivava o fumo, a mandioca, o feijão, milho, inhame, complementado tudo isto por uma pequena criação de gado leiteiro. Uma família que não era rica nem pobre, mas economicamente sustentável. Num universo em que não existia Bolsa Família, nem aposentadoria rural, nem qualquer proteção do Estado, aprendemos, desde cedo, a cultivar a terra. Vivíamos ancorados, apenas, nos valores da moralidade, da ética e do trabalho, entendidos como vetores de desenvolvimento e prosperidade.

Nas lides do campo, acompanhei o crescimento de meus irmãos. Alguns permaneceram nas atividades rurais; outros migraram para São Paulo. Eu optei pelo estudos, embora contrariando os propósitos da família. Alfabetizei-me copiando as letras do ABC, complementando o processo numa escola rural multisseriada. Posteriormente, matriculei-me no Grupo Escolar Sílvio Romero, melhor educandário público da cidade de Lagarto, tendo como professor e diretor o Dr. Joãozinho Damasceno. A caminhada diária era de 6 km (ida e volta), sob o sol causticante da região nordestina, porquanto, naqueles dias não havia transporte, como não havia merenda escolar. Lá estudei do 1º ao 4º ano do antigo curso primário e fui distinguido como orador da turma. Alcancei, assim, o nível mais alto de estudo que Lagarto me poderia oferecer.

A escola acabou, mas o sonho não se apagou. Para continuar os estudos, precisaria ir para Aracaju ou Salvador, mas meu pai não se dispunha a ajudar por questão, dizia ele, de justiça. Seu raciocínio era: se não possibilitou "educação" para os outros filhos, também não poderia oferecê-la para mim, mesmo sabedor do meu intento. Por cinco anos, colaborei com a família nas atividades rurais. Então, eu mesmo tomei a iniciativa e, sem alarde, consegui sensibilizar o reverendo. Basílio Catalá de Castro, professor do Colégio 2 de Julho, que passava por Lagarto em missão da Igreja Presbiteriana. Foi ele que conseguiu uma bolsa para que eu estudasse, como interno, na cidade do Salvador.

Confirmadas a vaga e a bolsa, preparei-me para a viagem, silenciosa e discretamente. A saída de Lagarto, aos 17 anos, teve o sabor de realização e de rebeldia, de virada de rumo; foi uma decisão pessoal e corajosa.



Embarquei no trem da Rede Ferroviária Federal que fazia o trajeto Aracaju-Salvador, passando por Salgado, a estação de embarque. Depois de um dia e uma noite na dança e no movimento do andar sobre os trilhos, em percurso moroso e sonolento, mas pleno de deslumbre, cheguei a Estação da Calçada.

Que encantamento! Inesquecível o espanto com os coloridos das casas, umas embaixo, outras em cima. Parecia ver o mundo renascer. Da estação, fui para a praça do Elevador Lacerda. Por ele subi simplesmente embevecido, e assim continuei a olhar em torno, bem em frente ao palácio. Também pela primeira vez, entrei num bonde, que mais parecia miniatura ou um pedaço do trem por que viera. O bonde deixou-me em frente ao Colégio 2 de Julho.

A cidade de Salvador contava, então, com 417 mil habitantes. A meus olhos, era a visualização primeira da metrópole, do mundo novo, deslumbrante na luz de um sol que nascera para mim, sol que, naquele dia, brilhou mais intenso que em qualquer dos dias anteriores de minha vida. No colégio, fiz o exame de admissão, o ginásio (correspondia ao atual ensino fundamental II), até o 2º ano do segundo grau (atual ensino médio).

O colégio ofereceu-me mais que a formação escolar; ampliou minha visão de mundo, ajudou na minha formação espiritual e ética, possibilitou a construção da cidadania e o desenvolvimento de habilidades no campo da liderança.

Deixei-o em 1958, para liderar a juventude presbiteriana do Nordeste, sendo, no ano seguinte, eleito presidente da Confederação Nacional da Mocidade da Igreja Presbiteriana do Brasil, com sede em São Paulo, cidade em que conclui o ensino médio.

Em Minas Gerais, Espírito Santo e Santa Catarina, obtive o bacharelado em Teologia e uma graduação em Sociologia. Concluída esta etapa, já casado, não obstante contasse com boas propostas de trabalho em São Paulo e no Espírito Santo, especialmente na Cidade de Cachoeiro do Itapemirim, optamos, Tecla, minha mulher, e eu, por retornar à Bahia, nutridos pelo sentimento de gratidão pelo que a Bahia e os baianos fizeram por mim. Na Bahia, escolhemos Feira de Santana para armar nossa tenda, cidade igualmente acolhedora, representativa da cultura baiana e nordestina, plena de desafios.



Em 1965, iniciou-se a vida profissional, no começo como pastor da Igreja Presbiteriana, mas ingressando, quase de imediato, na área da educação, como professor do ensino médio e, depois, do ensino superior. Contagiado pelo entusiasmo de Geraldo Leite, fui partícipe do projeto de criação da Universidade Estadual de Feira de Santana, a UEFS, da qual fui professor titular de Ciência Política, pró-reitor Acadêmico nos dois mandatos do magnífico reitor José Maria Nunes Marques e reitor, entre os anos de 1991 e 1995.

Os baianos de Feira nos adotaram como filhos e nos envolveram com intenso apreço e carinho, outorgando-nos a cidadania feirense, a Comenda de Educador Áureo de Oliveira Filho e o honroso título de Grão Mestre da Ordem Municipal do Mérito de Feira de Santana, na classe de Comendador. Desnecessário é dizer que o povo feirense está em nosso coração, como, de resto, todo o povo soteropolitano e baiano.

Em Salvador continuamos nossa formação acadêmica, cursando na Universidade Católica do Salvador - UCSAL a licenciatura em Filosofia e na Universidade Federal da Bahia uma pós-graduação lato sensu em Ciência Política seguida, posteriormente, do Mestrado em Educação. Nesta terra nasceu nossa segunda filha, Susana; nasceram nossos netos e, recentemente, nossos bisnetos: Sofia e Antony. Aqui criamos laços que se tornaram amplos e profundos, de tal forma que nossa história de vida está ligada à história dos baianos, dos feirenses e dos soteropolitanos. Bem posso dizer que somos, em grande medida, o que a Bahia fez em nós e por nós.

Eu e minha amada Tecla temos acompanhado a história deste Estado e desta cidade ao longo de mais de meio século e participado de alguns de seus setores, sempre por inteiro, objetivando colaborar com o seu processo de desenvolvimento. Ela como professora, diretora de colégio, professora universitária, coordenadora pedagógica, e eu, nas esferas religiosas e educacionais.

No campo religioso, acreditamos não ser necessário destacar que construímos templos, igrejas e escolas e que assumimos posição de liderança nacional no seio da comunidade presbiteriana. O que nos parece relevante assinalar está na posição teológica de vanguarda que assumimos. Propugnamos sempre por uma igreja engajada na



comunidade, comprometida com os excluídos, adulta na fé, autêntica e desprovida de preconceitos, aberta ao diálogo e à vivência ecumênica, por entender que nas práticas do amor, da unidade e do serviço ao próximo estão os verdadeiros fundamentos da fé cristã. Assumimos posição de arautos do ecumenismo em Feira de Santana e na Bahia, em momentos de fortes polêmicas religiosas, convictos de que a unidade dos cristãos é um imperativo divino (que todos sejam UM para que o mundo creia) e uma necessidade dos homens, principalmente nos tempos conturbados em que vivemos.

Atendendo a esses desafios, criamos e implementamos projetos de direitos humanos e justiça social em Feira de Santana, com alcance em todo o Estado e fora dele, como a AFAS e o SIM (projetos de capacitação de mendigos e migrantes), resultando na erradicação da mendicância nos anos 60 e na capacitação de 25 mil migrantes e de sua incorporação ao mercado de trabalho, como cidadãos habilitados a contribuir para o processo de desenvolvimento urbano do Estado e do País.

Comprometido desde sempre com a educação de qualidade, como professor do ensino médio, do setor público e privado, tomei parte na nacionalização do Colégio 2 de Julho. Fui presidente do seu Conselho Superior de Administração por uma década e um dos responsáveis pela estruturação da Instituição em Fundação 2 de Julho, sendo seu primeiro presidente. Por um ano e meio exerci o cargo de secretário municipal da Educação de Feira de Santana e um mandato de quatro anos como membro titular do Conselho Estadual de Educação. Na maior parte desse período, servi como presidente da Câmara de Educação Superior e vice-presidente do Órgão.

O compromisso e o empenho por uma educação de qualidade continuam no exercício da direção do Colégio e da Faculdade 2 de Julho, instituição que tem se diferenciado no cenário da educação da Bahia pela excelência de seu projeto político pedagógico, por seu compromisso social e por seu envolvimento histórico com a construção da democracia, com a promoção da paz e dos direitos humanos.

O meu amor a Bahia não me fez perder o orgulho de ser sergipano, muito menos de ser lagartense. Permitam-me aplicar aqui os versos de Casimiro de Abreu: "Se todos cantam a sua terra, também quero cantar a minha".



Reconheço o muito que devo a minha cidade natal. La começou minha história. La estão fincadas minhas raízes e la ainda residem alguns dos meus irmãos e irmãs e parentes tantos. Sempre visito a cidade, revejo os parentes e amigos, o meu grupo escolar Sílvio Romero, a igreja Presbiteriana, os povoados do Limoeiro, Horta, Caraíbas, Urubutinga, Açú, Jenipapo, Boa Vista, Colonia Treze e outros por cujas estradas caminhei na infância e na adolescência. A praça da Piedade, com seu romantismo e igreja da matriz ostentando, em suas torres, a figura do galo, a praça Filomeno Hora onde comercializávamos os produtos que produzíamos no sítio, nas feiras livres que ocorriam às segundas-feiras. Surpreendo-me sempre com seus avanços e progressos.

Lagarto é uma cidade pedagógica. É como um livro aberto, pleno da sabedoria que forja a índole e o caráter de seu povo, responsável pela construção de uma cidadania consciente, construtora de uma sociedade sustentável. Minha infância e adolescência foram, certamente, impactadas pelos valores vivenciados, pela cultura transmitida e pelas raízes da história que na construção do tempo fizeram dos habitantes de Lagarto um povo de índole própria, de perfil diferenciado, de caracteres singulares, até os fisionômicos.

Lembro-me da influência cultural. Da cultura popular e folclórica, bem como da cultura literária, presente em múltiplos talentos que se revelaram no panorama nacional: Sílvio Romero, Laudelino Freire e Aníbal Freire da Fonseca que integraram a Academia Brasileira de Letras; Joel Silveira, Abelardo Romero e tantos que, na atualidade, a exemplo do historiador Claudefranklin Monteiro Santos, elevam o nome da cidade - cidade de talentos tantos, sempre prontos a manifestarem-se nas artes de interpretar, escrever, dançar e cantar. O exemplo dos que faziam cultura e dos intelectuais e escritores muito me inspiraram na formação de meu caráter e de meu ideal.

Outra herança vem, assim posso entender, da tradição histórica. Vem da especial relação histórica entre trabalho e lazer que Lagarto mantinha e mantém primorosamente.

É certo que Lagarto vive a pedagogia do trabalho. É pelo trabalho que se alcança o progresso. Aliás, Einstein já nos ensinava que "o único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário". Essa idéia está tão impregnada no espírito dos pioneiros, dos construtores históricos da cidade que, ao erigir suas Igrejas, colocaram nas suas torres a



figura de um galo. Dizia meu pai que o galo ali estava para chamar a atenção do povo lagartense de que o dia não começa às 6 horas, nem com o aparecimento do sol, mas antes, quando o galo canta. A figura do galo na torre serviria de sentinela, para acordar a população para o trabalho. Afinal, entendia ele, Deus muito ajuda a quem cedo madruga. Sua visão parece ate uma antecipação do genial poema de João Cabral de Melo Neto "de que um galo sozinho não tece uma manhã" o trabalho deve ser solidário, coletivo, um bem de todos, agindo em rede, formando um dinâmico processo produtivo. Isso explica o sucesso da Colônia Treze, única cooperativa agrícola do Estado a evidenciar resultados positivos e tornar-se uma comunidade econômica auto-sustentável.

Mas, para não ser cansativo e escravizante, o trabalho deve estar associado ao lazer. Foi Silvio Romero quem disse: O trabalho fornece o pão de cada dia mas é a alegria que lhe dá o sabor'. Por isso, não se deve estranhar que tenha sido precisamente em Lagarto, inicialmente no povoado de Coqueiro, que floresceu o Samba do Coco, uma dança inicialmente rural, mas depois praticada em todo o município.

Tinha como objetivo tornar a jornada de trabalho menos dolorosa, cantando e dançando, com batidas fortes dos pés e das mãos, em ritmos vivos, destacando-se o improviso dos versos nas formas mais variadas, culminando com a quebra do coco. Dançava-se para comemorar o final de um trabalho árduo, a celebração de uma vitória, o fim de mais um dia de trabalho com amigos e familiares, geralmente regada a dança de muita bebida, acompanhada de farta comida.

Trabalho e lazer, o galo o e o coco, ajudam a formar o caráter de um povo que faz do trabalho sua estratégia de superação, de progresso, com alegria e lazer, fazendo do lagartense um homem trabalhador e alegre, valente e terno, ambicioso e solidário.

Aprendi a ética da responsabilidade, inculcada por monsenhor João Batista de Carvalho Daltro, que por 36 anos (1875 a 1910) dirigiu a Igreja local, influenciando decisivamente na própria estruturação agrária do município ao exigir, como condição para realizar um casamento, que os pretendentes cumprissem quatro requisitos: uma área de terra para plantar, uma casa para morar, um animal para transportar a produção e uma vaca para garantir o leite das crianças. Esse sacerdote, a exemplo do reformador João



Calvino, em Genebra, preocupou-se com os problemas da fé e da espiritualidade, sem se descuidar das questões humanas e temporais dos seus paroquianos. Tal liderança eclesiástica, agindo assim por quase quatro décadas, certamente favoreceu uma cultura de economia solidária, de trabalho decente, de justiça social e de responsabilidade com a preservação da família e da sociedade, repercutindo em toda a história de Lagarto até os dias atuais.

E o município de Lagarto orgulha-se de vivenciar essa realidade desenvolvimentista impactada em sua população. O trabalho e sua produção, quando socializados, resultam em benefícios coletivos, em progresso para o município. Ao meu olhar, isso explica o crescimento e os avanços da cidade. E eles são surpreendentes. Atenho-me apenas a três exemplos.

Em 2008, a cidade de Lagarto recebeu do Instituto Airton Senna o Prêmio Educação Nota 10.

Na manhã de 14 de junho p.p., nas dependências do Senado Federal, o prefeito Valmir Monteiro aqui representado pelo presidente da Câmara recebeu o merecido prêmio concedido ao município pela sua total competência em manter todas as obrigações tributárias quitadas, possibilitando, desta forma, convênios com diversos órgãos da Federação e recursos adicionais para assegurar seu projeto de desenvolvimento.

O terceiro exemplo é o reconhecimento que vem com a indicação do Município de Lagarto, pela Organização Mundial de Estados e Municípios e Províncias - OMEMP, entidade que representa o segmento do Municipalismo das potências emergentes, como uma das cem mais dinâmicas cidades entre os países que formam o BRIC (Brasil, Rússia, África do Sul, Índia e China), que correspondem, juntos, a cerca de 40% da população mundial. Entre os critérios para esta escolha está o excelente crescimento econômico com bem-estar social, evidenciado pelos excelentes indicadores de desenvolvimento sustentado.

Orgulho-me, Sr. Presidente, Srs. Deputados, da minha origem em tão promissora joia da região nordestina.

E assim, também, é a Bahia. Bela, cativante e mestra. Um território abençoado por Deus, onde o Criador foi igualmente magnânimo na composição do solo, do clima, do



subsolo, dos variados ecossistemas, na exuberância do litoral e das praias e, sobretudo, na grandeza e genialidade de sua gente.

Só posso comungar com os sentimentos de Arnaldo Jabor, expressos em crônica, quando aqui estive no Carnaval de 2009, dizendo que veio conhecer o Carnaval da Bahia e não conseguia ir embora. Porque a Bahia não é terra de partida, mas de chegada. Diferentemente da antiga Grécia, disse ele: “Aqui os deuses não se encontram no Olimpo. Estão nas águas e nas florestas, nas ruas, nas artes de cores vivas, na diversidade cultural, no sincretismo religioso, no encontro das raças, na convergência dos sentimentos, na vida das pessoas. Nessa terra, tudo se sincretiza, natureza e cultura, espírito e matéria se unem em um só bloco, onde consciência e realidade não se dividem, povo e o mundo são a mesma coisa.”

Diferentemente de Arnaldo Jabor, que foi arrancado daqui por circunstâncias contrárias ao seu querer, eu não consegui ir embora. Continuo envolto nos segredos e desafios desta terra acolhedora que, sem renegar meu torrão natal, também fez minha desde a adolescência. E agora V.Exas. me fazem dela. Em sua generosidade, tornam-me baiano também.

Manifesto profundo sentimento de orgulho e gratidão com o galardão que me confere a Assembleia Legislativa da Bahia, outorgando-me o honroso Título de Cidadão Honorífico da Bahia, consoante os termos da resolução n 1480/2010, cuja proposta foi de autoria do eminente deputado Waldenor Pereira - magnânimo amigo, igualmente amante da cultura e da educação, ex-reitor da UESB, elevado pelo reconhecimento popular ao Parlamento nacional -, em atitude que amplia ainda mais profundamente os laços de mútua amizade e consideração. Estendo essa gratidão aos nobres deputados Álvaro Gomes, autor do parecer que concedeu esta homenagem, e José Neto, segundo autor e inclusive o responsável pela minha saudação, meu querido amigo e companheiro de Feira de Santana. Este, conterrâneo da Princesa do Sertão, testemunha viva da nossa caminhada de mais de 40 anos na terra de Santana. Agradeço aos nobres Deputados que integram esta Assembleia Legislativa. Agradeço ao seu corpo técnico, em especial ao empenho do assessor parlamentar, Benjamim Baptista, confrade acadêmico, chanceler das academias de Letras e



de Culturas por ele criadas na Bahia e no Brasil. Enfim, minha gratidão ao povo baiano, a todos os que ontem me acolheram, e aos que hoje me outorgam, com igual generosidade e nobreza, título tão honroso quanto pleno de comprometimento com o povo e a Bahia.

Permitam-me que eu reparta os louros dessa homenagem com minha esposa - Professora Tecla Dias Oliveira Mello - parceira leal de meus sonhos que ao longo de 49 anos tem-se dedicado às aventuras da caminhada. E com os filhos, netos e bisnetos, inspirações e motivações do nosso viver. Compartilho-a, também, com o Colégio 2 de Julho, por cujas portas entrei nesta cidade, primeira instituição civil a homenagear a data máxima da Bahia, autodenominando-se, orgulhosamente, de "Instituto 2 de Julho", depois "Colégio, Faculdade e Fundação 2 de Julho". Não posso, a bem da justiça, deixar de partilhá-lo também com os professores e integrantes das equipes de trabalho de que participei ou que me auxiliaram no desempenho das missões que a vida me ofereceu, de ontem e de hoje, daqui e alhures. Eles são corresponsáveis pelos êxitos porventura assinalados em nossa história.

Concluo, senhor presidente, agradecido pela acolhida e pela honrosa cidadania baiana...

Concluo”agradecendo a presença aqui dos confrades das diversas academias, que nos honram nos convidando para que delas pudéssemos ser um dos integrantes. Concluo agradecendo a presença dos estudantes dos Colégio2 de Julho, dos seus professores e dos amigos,

(...) “ reafirmando o compromisso com a missão de bem servir. Não fomos enviados a este mundo por acaso. Todos temos missão a desempenhar onde quer que estejamos. Somos testemunhas de outra luz, crentes de um Novo Amanhecer, compromissados com o projeto de que um novo mundo é possível, "o mundo da possibilidade" na expressão de Milton Santos, de unidade e convergência no essencial, de educação de qualidade para todos, de justiça social, de solidariedade e paz, onde todos possam viver a vida conforme os propósitos de Deus, com seus direitos assegurados e viabilizados, com dignidade e abundância, em felicidade plena.



Continuamos, mais que antes, esperançosos de que a Bahia, terra de todos os santos e de todos os encantos, do sincretismo e da ecumenicidade, permanecerá sob a proteção de Deus e sob a inspiração e determinação de seu povo, território de todos, espaço da alegria, da convergência de inteligências e culturas, canto da paz, refúgio da justiça, morada da esperança.”

Obrigado. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 26/08/11

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Registro a presença do professor Rogério Vargens, presidente da Academia Baiana de Educação.

Passo a palavra ao deputado Zé Neto para fazer uma pequena observação.

O Sr. Zé Neto:- Estava ouvindo o Sr. Josué e me emocionei em alguns momentos. Eu acho que acertei quando disse que nós estávamos recebendo esse cidadão baiano, mas estávamos, também, lembrando a importância que tem o lugar onde nascemos. No caso, essa raiz que o professor explanou com tanta alegria, com tanto carinho e emoção é o município de Lagarto.

Quero aproveitar e registrar a presença da nossa quase advogada Camila, neta do nosso Josué, poeta também.

Professor, sou feirense, nascido em Feira, tenho um profundo amor pela minha terra, e fiquei muito feliz em saber que acertei, quando o senhor colocou aqui o seu andar entre distritos, estradas, vielas da sua querida Lagarto.

Sou um feirense que, a cada dia percebo mais que a nossa cidade, que cresceu tanto, tem na sua origem os aboios, essa cidade que cresceu em meio a aboios, que nos trouxe tantas pessoas que ali pararam para tomar água no fim da tarde, e eu lembro que o sertanejo é um aboiador procurando um melhor lugar para o gado, um melhor lugar para crescer e para conduzir a economia e o alimento.

Enquanto o senhor falava, rabisquei uma coisa longe de ser poesia, embora poeta todos nós sejamos um pouco: “Feira de aboios, dentro de cada feirense, mesmo que na alma, na memória mais longínqua, nas rasas ou profundas ancestralidades mora um aboiador, cantando e tocando o gado, levando e trazendo, entre poeira, lagoas e fins de tarde alaranjadas de acolhimento, em meio a vendas com cheiro de venda, ruas e becos impregnados de um forte aroma de querosene, suor de cavalos, jegues e burros, um aboiador aboiando o nosso quase tudo de cidade e lugar, de identidade e de caminho.”



Que o nosso companheiro, amigo professor Josué, continue aboiando sonhos por esta Bahia, por este Brasil, por nossa Feira de Santana. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Poesia do deputado Zé Neto, grande poeta.

Vamos ouvir agora o hino da Bahia, o hino Dois de Julho.

(Execução do Hino Dois de Julho)

(Segue Mirela)

(Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Agradecemos a presença de todos, todas as personalidades e queremos fazer o registro da presença do ex-deputado federal Jairo Carneiro. Reforço o registro da presença do professor Rogério Vargens, do presidente da Academia Baiana de Educação. Depois dessa aula de cidadania que presenciamos aqui, em nome do Poder Legislativo, agradeço a presença de todos, deputados, personalidades, das entidades que vieram prestigiar esta sessão e declaro-a encerrada.

(Palmas.)